

HÁ MUITO TEMPO DANÇAMOS COM A MORTE, MAS NEM TODOS SABIAM.

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada como uma pandemia pela OMS. Desde então, vimos portas se fecharem e se abrirem, países que considerávamos e que se consideravam imunes a mazelas acumularem milhares de mortes, o sofrimento global com poucas exceções, raiva e culpa germinadas, recusa dos fatos, medo, ansiedade, insônia, aumento do desemprego que já era alto, economia despencando por um lado, por outras especulações, insegurança, debates, uma produtividade absurda em meio ao caos. Da solidariedade emocionada às trocas de farpas não demoramos um ano. Sejamos honestos, apesar da vacina, com uma nova variante, caminhando para o segundo ano de vida pela metade, já não nos suportamos. Estivemos isolados e, contudo, tão presentes, tão demandados que, paradoxalmente, não desejamos nos encontrar tanto quanto desejávamos no início de tudo.

A pandemia evidenciou a linha tênue entre a nossa empatia e antipatia pela própria espécie e, mais, que diferente da Covid-19 isso não é um evento pontual. Dizemos dos elevados números de morte, agimos para dar nomes aos números, dizemos muito sobre a morte e o quanto ela não é capaz de espantar a todos embora, convenhamos, ela talvez nunca tenha espantado tantos. Espanta, porque os números podem engolir nossas amizades, familiares, pessoas próximas, nossa vida. Os números espantam porque engoliram europeus e norte-americanos. Mas há quem já convivesse com o medo das estatísticas de morte, para os quais a Covid-19 é mais um fator potencialmente letal.

A esta altura da convivência com as limitações de um mundo contaminado, permanece a necessidade de dizer das ressonâncias dessa vivência, mas igualmente dos paradoxos do nosso desespero e comoção seletivos, refletindo sobre a presença do risco, do apagamento, da negligência e da morte, desses e tantos outros sintomas que se evidenciam na pandemia antes dela. Há centenas de anos, há décadas, há alguns anos atrás. Não se trata de desmerecer ou invalidar a vivência do presente. Se trata de não

nos permitirmos tornar este o centro de tudo, ignorando o que vinha acontecendo e nos encaminhando para o desejado novo normal, no qual as mazelas continuarão a afetar apenas os que estão à margem.

No texto *Pandemia (de/para) quem*, Adriano Henrique Bastos Muniz compartilha uma perspectiva sensível e crítica sobre a condição de ser um profissional das artes fora do circuito e do mercado, antes e durante a pandemia, sobre ser e seres descartáveis, encurralados em uma lógica de morte que se perpetua. Nesse mesmo caminho, *A escrita em tempo de crise: entre memórias e relatos*, de Letícia Rodrigues da Silva, Gabriela Lages Veloso e Mary Joice Paranaguá Rios Rodrigues, consiste em um relato de experiência, por meio do qual divulgam o resultado do projeto Memórias da Pandemia. Giselle Magioli, em seu artigo *O retorno do real, o trauma e o vazio em Rosana Paulino: entendendo um conceito e estabelecendo relações a partir de uma memória de infância evocada pelo isolamento*, evoca uma imagem traumática que reflete a violência onipresente no meio urbano em sua infância e, a partir de analogias com conceitos e obras de arte contemporânea, lança uma reflexão sobre a repetição das representações conforme seus contexto, para além do vazio, como possibilidade de resignificação. De maneiras distintas os textos elaboram o confronto com a morte no momento da pandemia e para além dele, ampliando a percepção das dores e distúrbios evidenciados nesse momento como parte, não necessariamente contínua ou linear, de todo um acúmulo de violências banalizadas e invisibilizadas.

Renato do Carmo Mendonça tece com essa discussão em seu artigo *Colonialismo e colecionismo ou Negerplastik e o evento racional*, questionando os valores otimistas atribuídos ao documento mencionado no título por considerar objetos africanos colecionados em solo europeu como arte, diante da reprodução da violência colonial nas estruturas ocidentais de tratamento da arte não ocidental, independentemente dos discursos que elabora. Conversam com os textos as obras que configuram na página dupla da edição, a gravura *Direito de ser feliz*, de Luana Xavier, que propõe uma reflexão sobre a maternidade e as necessidades que a cercam e a xilogravura de Val Pires, *2 de Fevereiro*, que no contexto do projeto Xilopretura, propõe um encontro entre a técnica utilizada e o universo da mulher preta, a fim de desestabilizar estereótipos colados a ela. Na capa, por sua vez, Alexandre Paes nos leva a refletir acerca da educação pública e as múltiplas violências sofridas pelos corpos que residem na periferia da cidade.

Nesta edição, Gabriela Hermenegildo Júnior contribui com a resenha *Arte e política em Virgínia Artigas*, escrito a partir do livro de Rosa Artigas, filha da artista. A biografia traz à luz um panorama da vida e obra de uma artista pouco conhecida para o público geral, com escassas produções acadêmicas a seu respeito. Apesar disso, corresponde a um nome singular para a história da gravura brasileira, sobretudo por sua obra exercer a função de documento do contexto político e social do país. Ainda no debate de gênero, temos os ensaios *Passado presente: tempo, ferida, memória e dor na obra da artista colombiana Doris Salcedo*, de Maria Carolina Garcia Ramos, e *“Mulher depois”*, de Angélica Freitas, e *“Trans(form)ação”*, de Ítalo Augusto: *processualidade do corpo*, de Paulo Caetano. As propostas se encontram em diálogo com outros textos que trazem como debate a questão do corpo, imagem e política, anunciados em seus próprios títulos. É o caso de Maria Eduarda Kersting Faria, com o artigo *Estéticas da ausência: arte, ditadura e desaparecimento na América Latina*, que contempla em seu estudo um conjunto de artistas latino-americanos, entre eles Doris Salcedo, mencionada anteriormente; Monique Durand, com *Fragmentos do tempo: diálogos entre autoimagem, corpo e memórias*; o ensaio de Leo Carnevale, *Saídas de Palhaço: treinamento, pesquisa e performance*, que versa da sua experiência e vivência com a arte performática da palhaçaria no espaço urbano; e por fim, Claudia Holanda, autora do artigo *O som da cidade: política, estética e sentido*, centrada na discussão referente a sonoridade e os espaços urbanos.

Igualmente pertinentes são outras abordagens que compõem a 11ª Edição da Revista Desvio, que sob o viés da persistência em continuar promovendo pesquisas e reflexões sobre a produção cultural e artística, transitam entre temas regionais e globais, aos quais os autores conferem relevância a partir de seus olhares. Adotando o Carnaval como objeto de estudo, Alexandre Gonçalves e Helenise Monteiro Guimarães, em *O artesanato da folia, do barro ao paetê: a evolução histórica do Brasil manufaturado*, promovem um debate a partir da sociologia a fim de compreender a trajetória histórica da figura do artesão e sua manufatura, assim como as relações estabelecidas com a indústria. A pesquisa de Felipe Rodrigues, *O Cancioneiro Popular e a Identidade Cultural no povoado de Santo Antônio de Mercadinho*, empreende uma discussão sobre identidade cultural e tradição oral, a última particularmente significativa para rever metodologias, modos de difusão e circulação cultural, que o autor direciona a partir da reflexão sobre o domínio público. Pela via da semiótica e pensando a comunicação, compreensão e vivências atravessadas pelos

eventos da Pandemia, Aylana Canto compartilha iconografias de recortes do cotidiano, pensando principalmente a casa, em Por uma abordagem semiótica presentificada na vida: o acontecimento e a arte em isolamento.

Felipe Amâncio parte da exposição Casa Carioca, realizada no Museu de Arte do Rio - MAR, sob curadoria de Marcelo Campos e Joice Berth, para escrita do ensaio *A ruína da casa, conquanto tijolos se faz uma exposição - sobre a exposição casa carioca do museu de arte do rio*. Além de tecer uma análise crítica das obras e os discursos curatoriais, articula as questões com a própria expografia. Da casa para o quarto, a semiótica aparece no artigo *Análise semiótica da 3ª versão da pintura O Quarto em Arles, de Vicent Van Gogh*, no qual Fernanda Martines de Araújo realiza um exercício que aplica a fenomenologia da semiótica de Charles Sander Peirce. Paisagens, memórias e afetos, que bem podem dizer das obras de Van Gogh e sua troca com Paul Gauguin abordadas no referido artigo, são atualizadas em outras propostas. Rodrigo Pinheiro e Márcia Saeko Hirata escrevem em parceria *Gravura imaterial: sua percepção através de derivas realizadas na cidade de Tiradentes, Minas Gerais*. A dupla propõe o conceito de gravura imaterial a partir da perspectiva da deriva situacionista, adotando-a a fim de comprovar suas hipóteses.

A 11ª Edição da Revista Desvio se caracteriza por ser uma publicação robusta, com 27 textos de diferentes naturezas, praticamente o dobro da quantidade se comparada com os números anteriores. Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao seu alcance, uma vez que contemplou 36 autores de diferentes instituições e estados brasileiros, do norte ao sul do país, sendo um dado que reforça a importância e a credibilidade do nosso trabalho à nível nacional. Eles são da Bahia, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Na Edição de Aniversário, lançada há poucos meses, relembramos que a fundação do periódico foi motivada pela demanda local, de alunos da graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ, os quais reivindicavam por um espaço de divulgação de suas pesquisas. Aos poucos constatamos que eles não eram os únicos, havia alunos de outros locais interessados em colaborar, seja por meio da submissão de conteúdo ou como membro da equipe. Atualmente, por exemplo, os discentes do Instituto de Artes da UERJ representam um grande parceiro, sendo metade do nosso corpo editorial (permanentes e voluntários). São dados que indicam uma atualização sem que isso comprometa o escopo.

Além das Artes Visuais, a Revista Desvio abarca em seu escopo trabalhos voltados para os estudos da Memória e Patrimônio. Adotando o museu como objeto de pesquisa, Arthur Gomes Barbosa e Pedro Lacerda escreveram em conjunto o artigo *Exercício do Anoitecer: poética, curadoria e expografia na construção de uma exposição*. Emanuely Silva, Raisal Gomes e Sabrina Melo, são as autoras de *Patrimônio, Museus e Arte: entre relatos, narrativas e memórias*, ensaio produzido no contexto da disciplina Estudo sobre Patrimônio Cultural e Museus. Na área da Conservação e Restauração, os alunos Guilherme Zózimo Teixeira Dias e Maria Júlia Froes e Costa, junto ao professor Daniel Lima Marques de Aguiar, integram a publicação com o trabalho *Identificação de processos em positivos fotográficos: aplicação da espectroscopia na região do infravermelho médio*. Bruna Fortunato Pereira, por seu turno, contribui para o debate das estratégias utilizadas pelas instituições em prol da manutenção de prática educativas durante o período de pandemia. Intitulado *Arte e educação em tempos da pandemia: mediação em cibermuseus para a expansão da experiência*, a autora explora um debate atual e urgente, indicando as diferentes ferramentas e recursos do ambiente virtual.

Na 11ª contamos com três resenhas, além de Gabriela Hermenegildo Júnior, Manuela de Souza de Almeida Leite e Rafael Amorim também se debruçaram a compartilhar conosco avaliações de livros, sendo responsáveis respectivamente por *Do sentir e Olhando para a ossada de um moleque*, o segundo livro de Gabriel Sanpêra. Em *Artista Ser*, Julia Saldanha nos apresenta o texto relato-narrativo-trabalho desenvolvido como parte das atividades da Auto residência_Ubatuba. Em seguida temos *O Chão Murmura*, de Quimera (Julia da Costa), dividido em três tópicos: amanhã, hoje e ontem. Já no campo da crítica de arte, temos *Criação e invenção, impessoalidade concretista*, de Gabriel San Martin. Ele opta por discorrer a respeito de uma série de questões próprias dessa tendência estética, da abstração geométrica, em voga na década de 1950 no Brasil. A geometria também está presente no trabalho de Jean Marcel Belmonte, *O objeto efêmero e a geometria como expressões do tempo*. Porém, ele tem como recorte um número maior de obras e artistas, incluindo-o na lista, da mesma maneira que se diferente devido sua abordagem conceitual.

Diferenciando-se dos formatos anteriores, a 11ª Edição da Revista Desvio conta com uma exposição, cujos textos que acompanham dizem dela melhor do que poderia apresentar neste editorial. A curadoria é realizada por Bruna Mazzotti, Gabriel Fampa, João Paulo Ovidio, Laura

Ludwig, Mônica Coster, Rafael Amorim e SEMA. São expostas obras dos artistas: Andrew Moreira, Anna Janot, Brenda Cristina, Carol Peso, Gabriella Kuima, Guilherme Kid, Gunga Guerra, Isadora Almeida, Julia Machado, Júlia Moraes, Laíza Ferreira, Leyda Torquato, Luana Aguiar, Manoel Oliveira, Mariana Rocha, Mateus A. Krustx, Nathalia Matsuda, Pedro Lacerda, Rafael dos Santos, Renata Sampaio, Sabres (Sabrina Castro), Talita Nascimento e Zex Xiz.

Observo que não houve intenção de reproduzir neste editorial a função do sumário. Optou-se por apresentar as produções que compõem a presente edição a partir de suas conversas, interseções, ainda que tênues, encontros. Comentei no início sobre a indisposição para o encontro que tem nos tomado por estamos paradoxalmente distantes e próximos demais diante dos últimos eventos. Recusando-me a romantizar os mesmos eventos, disse e concordei com autores que trouxeram nossos problemas para além da pandemia com ênfase nas vivências anteriores. Agora, todavia, precisamos nos atentar também ao por vir. Em 2022 teremos eleições, na melhor das hipóteses. Continuar a fazer o que fazemos agora é resistir, mas não será o suficiente para evitar repetir os momentos obscuros da nossa história. Encontremos fôlego, onde quer que ele esteja, para nos desviarmos juntos.

PAULA PEREGRINA E JOÃO PAULO OVIDIO

